

## MEMÓRIAS, PERSPECTIVAS E EXPECTATIVAS: TRAJETÓRIAS PESSOAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Taciana Cristina da Silva Carneiro; Marcos Aurélio Dornelas da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, [tacianacscarneiro@gmail.com](mailto:tacianacscarneiro@gmail.com)  
Secretaria de Educação-PE, [madornelas@gmail.com](mailto:madornelas@gmail.com)

### Resumo:

Neste trabalho analisamos a fala de discentes da EJA objetivando desvelar suas memórias em relação a educação. Para acessar essas trajetórias de vida nos valem das estratégias metodológicas da história oral. Nosso campo de pesquisa foi uma turma da EJA I de uma escola municipal na cidade de São Lourenço da Mata-PE. Realizamos entrevistas com três discentes e com a docente da turma. Observamos que, nos casos analisados, a necessidade de trabalhar, seja em casa, para ajudar nas tarefas domésticas, notadamente no cuidado de crianças, seja no trabalho remunerado, para sustento material de si e da família até a falta de cultura escolar na família, foram fatores para não se prosseguir com os estudos regulares. Na fala das entrevistadas, além dos problemas enfrentados emergiram sonhos, expectativas e esperanças em relação ao porvir. Grande parte dessas promessas de futuro se baseiam na escolarização, no desejo e na luta diária para que se cumpra a promessa tão propalada de que a educação emancipa e que o conhecimento, de si e do mundo, empodera.

**Palavras-chave:** Memória, Educação de Jovens e Adultos, história oral.

### Introdução

A escola é o lugar da educação formal, por meio do qual, de forma geral, se acessa conhecimento e se formam cidadãos conscientes de si e do mundo natural e social. Para discentes da EJA a escola significa, além disso, superação, coragem e força de vontade para se superar obstáculos e alcançar sonhos; sonhos que vão desde conseguir ler e escrever até cursar o nível superior e mudar o rumo da própria vida. Ouvimos e analisamos os relatos desses discentes. Logo, este é um trabalho sobre memória, sobre a memória educacional dos discentes da EJA: tal premissa pode parecer uma delimitação por oposição a História, herdeira do positivismo e caracteristicamente baseada em fontes documentais tidas como verificáveis.

Neste sentido, nos lembra Barbosa, introduzindo suas próprias memórias (2008, p.1), “a história intelectual e formal, usa a vestimenta acadêmica, enquanto a memória não respeita regras nem metodologias, é afetiva e revive a cada lembrança”. Fique claro, todavia, uma não existe sem a outra, não há história sem memória e o contrário também não se observa; elas estão sim em constante diálogo, ainda que nem sempre pacífico. Compreendemos que lidar com memórias, implica um cuidado metodológico importante, o qual discutiremos oportunamente. Entretanto, antes de qualquer coisa, lidar com memória, principalmente as de pessoas com a que trabalhamos, alude a uma questão de afirmação política, visto que pela memória se pode dar evidência a vozes no mais das vezes silenciadas no processo histórico.

Cumpramos registrar ainda que a sistematização dos dados e análise que aqui apresentamos resultou inicialmente em relatório apresentado na disciplina ‘Educação de Jovens e Adultos’, ministrada pela Professora Simone Patrícia da Silva, no curso de

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. O foco do documento era a forma de trabalho dos docentes a recepção dos discentes, além da gestão pedagógica. No caso deste artigo, a maneira como retrabalhamos os dados busca protagonizar as pessoas e suas trajetórias de vida. De modo mais específico, buscamos conhecer os caminhos que levaram as pessoas a EJA, quais escolhas ou condicionantes fizeram com que elas não houvessem frequentado a educação regular no momento tido como correto. Além do evidente viés no passado, a memória tem uma bela peculiaridade a qual não nos furtamos dar vazão: as expectativas sobre o vir a ser de cada falante. Falas que se de um lado refletem o modo como veem e significam a etapa de estudo que hoje vivenciam, traz a tona o elemento que move a educação em todos os níveis: a esperança.

## **Metodologia**

Nosso campo de estudo foi uma escola municipal na cidade de São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana do Recife. Como não havia atores preestabelecidos sob qualquer estratificação em termos de faixa de idade, renda etc., a participação na pesquisa se deu por convite aos discentes que de maneira espontânea desejassem participar da pesquisa. Três discentes da EJA I<sup>1</sup> se dispuseram a compartilhar suas experiências de vida, além da docente da mesma modalidade de ensino. Partimos de um questionário semiestruturado e acabávamos com a fala das entrevistadas de maneira aberta, no qual se tratava de questões relacionadas a educação, mas sem direcionamentos da pesquisadora. As entrevistadas falavam a partir de seu ponto de vista, no ritmo que lhes pareciam o mais adequado.

Não fomos a campo com aporte teórico e metodológico definidos, apenas durante a coleta dos dados nos pareceu coerente com a fala das entrevistadas tratar suas memórias a partir do arcabouço metodológico da história oral e de um viés antropológico que nos é caro. Isto porque cremos que “na prática de pesquisa, coleta e análise de dados conjugam-se e se buscam mutuamente, numa alternância mais ou menos controlada. A pesquisa antropológica é e continuará sendo, por muito tempo, de âmbito do artesanato, e até da bricolagem erudita.” (TOLRA; WARNIER, 1999, p. 437) Assim, o campo foi o local de ensino dos meios de análise que se fizeram necessários.

Foi também no campo que nos ocorreu particular história e memória, pois “para pensar as relações entre memória e história, é preciso, de início, dissociar esses dois planos para apreender, num segundo momento, as inter-relações.” (DOSSE, 2003, p. 261). Bergson ainda no século XIX distinguiu duas formas de memória: “uma memória-hábito, que advém

---

<sup>1</sup> A EJA Fase I, séries iniciais do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano do Ensino Regular, a Fase II, corresponde as séries finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano do Ensino Regular.

da parte sensorio-motora do corpo e uma memória-pura, coextensiva da consciência em relação a duração” (BERGSON apud DOSSE, 2003, p. 279). Seguindo essa forma de encarar o problema, nosso foco recai sobre segunda perspectiva, a que tem relação com o tempo, com a forma como interagimos com nosso tempo. Ainda assim, o quadro antitético mais conhecido nesse campo, e desta vez se referindo a distinção primária entre memória e história, é provavelmente a de Halbwachs (2013), que identifica memória como o fluido, o vivido, o múltiplo, e a história como ciência, que parte de conceitos e problemas e se caracteriza pelo caráter crítico. Será DUBY (apud DOSSE, 2003), que dará início a aproximação entre história e memória, partindo da ideia de que um fato histórico em si, em seus estreitos limites temporais deve ser objeto de análise histórica, mas o é também as metamorfoses em termos da memória coletiva em torno desse mesmo, uma vez que é entre memória e esquecimento que o fato vivido propaga-se no coletivo. Ainda, podemos asseverar que uma história social da memória ainda por se construir, tem de responder a dois problemas: se submeter à prova crítica, como fundamento de fidelidade, mas também, de forma complementar, não pode mais separar o apego a verdade, que lhe é peculiar, das promessas não cumpridas do passado (DOSSE, 2003).

Quando nos deparamos com os primeiros dados da pesquisa compreendemos na prática o que coloca Albert: “quanto a escolha do método, então, é preciso compreender que a opção pela história oral depende intrinsecamente do tipo de questão colocada ao objeto de estudo” (2004, p.30). A escolha dos entrevistados, que costuma ser um problema em muitos temas da história oral em nosso caso foi de fácil solução na medida em que ocorreu de forma espontânea com o livre consentimento dos falantes e com o desejo de se colocar diante do problema da volta a escola. Desta forma, sendo o problema de pesquisa o estudo da memória em relação a EJA, estamos coerentes com o proposto por Alberti “A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência.” (2004, p.31)

Chamou-nos atenção que na turma havia mais mulheres que homens, o que pode apontar um maior interesse das mulheres em aprender, empoderadas que estão neste século XXI. Há, entretanto, que se considerar: “o acesso feminino à escrita não se deu no mesmo ritmo dos homens” (SOIHET, 1997, p. 429) Dai a importância da história oral para o registro dessa memória. Como era de se esperar, as memórias narradas são marcadas pelo retorno a escola. Não se tratava de uma volta qualquer, é uma ação marcada pela coragem, foco e objetivo, mesmo com todas as adversidades. A fala das entrevistadas evidencia de forma marcante estas questões que serão aprofundadas a seguir.

## Resultados e Discussão

A questão mais complexa e talvez por isso a mais prazerosa do uso da história oral como metodologia é a interpretação, ou seja, “relacionar a evidência que encontramos com os modelos mais amplos e com as teorias da história” (THOPSOM, 1992, p. 299). Decidir entre uma análise mais ampla de interpretação histórica ou por meio da biografia é o dilema de toda explicação a partir de dados levantados por meio da história oral.

a evidência, em cada história de vida, só pode ser plenamente compreendida como parte da vida como um todo. Porém, para tornar possível a generalização, temos que extrair a evidência sobre cada tema de uma série de entrevistas, remontando-a para enxergá-la de um novo ângulo, como que horizontalmente em vez de verticalmente; e, ao fazê-lo, atribuir-lhe um novo significado (THOPSOM, 1992, p. 299).

A unidade escolar na qual realizamos a pesquisa foi recentemente reformada, por longos anos ela estivera abandonada, voltou a funcionar com escola em 2016. Percebemos que a reocupação pela comunidade escolar do prédio também era importante para as pessoas que estavam lá, representava a volta aos estudos e a requalificação de um espaço antes abandonado. A escola fica no fim de uma rua estreita, próxima a um pequeno centro comercial do bairro. A impressão que se tem ao chegar é boa, há boa iluminação e há segurança na portaria. Em nossa primeira visita fomos recebidas de maneira bastante cordial, pela gestora da escola, que de pronto nos apresentou para alunos da EJA, e facilitou acesso aos dados que precisávamos para a realização de nosso trabalho. A escola tem quatro turmas da EJA, seguimentos do 1 ao 4. Trabalham no local 54 pessoas, sendo, desde total, 33 docentes. A unidade tem sete salas, quadra esportiva e biblioteca. Cabe registrar que, a partir da informação da docente entrevistada, a biblioteca não está em uso.

Como já havíamos exposto, inicialmente pretendíamos realizar apenas uma entrevista em profundidade e para nossa surpresa e alegria, mais duas pessoas quiseram participar falando de sua relação com a educação e com a EJA. Foram três mulheres, todas do turno da noite, da turma EJA 1. Edilma de 41 anos, Estela, 43 anos e Liliane de 34 anos<sup>2</sup>. Edilma e Liliane se identificaram como donas de casa e Estela nos disse que é vendedora autônoma.

Nossa primeira entrevistada foi Edilma, ela está na primeira modalidade da EJA e nunca havia frequentado a escola. Segundo ela coloca, nunca foi interesse dos pais colocá-la na escola; provavelmente porque eles próprios não tiveram acesso a educação formal, como ela nos disse. É interessante notar que se ela acha natural que seus pais não lhe tenham posto na escola por não fazer parte da vida deles a cultura escolar, o que afinal a motivou a procurar aprender? Neste momento, ela nos fala, sua principal motivação ao frequentar aulas da EJA é a vontade de aprender, independentemente de sua idade. O que nos leva a pensar que são fatores externos que influenciam nesse desejo. Sua fala dá a entender que são as rotinas

---

2 Utilizamos nomes fictícios para as discentes.



urbanas, que envolvem leitura e algum grau de uso da matemática elementar que forçam um mínimo de escolarização. Ter acesso a conhecimentos básicos, que para tantos pode ser elementar, para um estudante da EJA é um desafio e quando alcançado se torna sinônimo de maior capacidade de comunicação com as outras pessoas.

Quando perguntamos sobre a escola, gestão e professores, ela nos responde que sobre o profissionalismo da gestão e da professora não tem do que reclamar, coloca que são excelentes profissionais. Em relação ao material didático a mesma afirma que ainda não recebeu o material didático e nem mesmo material de apoio. Ou seja, não foram entregues o fardamento, bolsa e outros materiais que fazem parte do Kit Escolar, como também o livro. Geralmente as prefeituras entregam aos alunos esses kits no início do ano letivo, mas estávamos no meio do ano e o material utilizado pelos alunos em sala advêm de aquisição que eles próprios fazem, ou que a professora leva.

Um fantasma assola a vida desses alunos, o medo de desistir. Neste sentido, em tom preocupado Edilma, aponta que em sua turma, até a presente data, houve três desistências, uma aluna desistiu porque ela disse que a professora escrevia muito, uma outra aluna porque precisava esperar o marido chegar do trabalho para ficar com os filhos, e a terceira aluna apareceu na escola uma única vez. Ao perguntarmos sobre seus planos ao concluir a EJA, a mesma não sabe ainda o que vai fazer, mas que tem uma certeza, quer ser “alguém na vida”.

Na escola também conhecemos a história de Estela. Sua rotina é cansativa, normalmente passa o dia na rua vendendo seus produtos, além de, por vezes, ter de acompanhar sua irmã no hospital. Segundo ela nos diz, o que a motiva a estar na sala de aula a noite, mesmo com todas as dificuldades de sua vida pessoal e profissional, é a vontade de aprender a ler. E também reclamou a falta de material didático, segundo ela nos diz, o material utilizado é a professora que disponibiliza: lápis para quadro e atividades impressas que a docente leva, principalmente nas sextas, na aula de arte. Tal qual sua colega, ela está ciente das implicações da falta de material, ela sabe que isso dificulta o aprendizado e que esse material já deveria ter chegado a escola, pois o ano letivo iniciou-se no dia 21 de fevereiro. Ester avaliou positivamente a atuação da gestão e elogiou o trabalho da professora que lhe acompanha, acrescentando ainda que não gostava da antiga gestão. Especificamente com relação a professora, ela diz que a mesma explica muito bem e que tem paciência para tirar as dúvidas. Para Estela, sua grande dificuldade é com a leitura, diz que não consegue juntar as letras e que às vezes nem as letras consegue identificar. Seus planos para quando terminar a EJA, é “ficar feliz por ter aprendido a ler e crescer na vida”. Estela frequentou a escola regular, mas raramente conseguia concluir um ano letivo, pois as obrigações com a família acabavam a tirando da escola, num ano era a necessidade de cuidar de alguma sobrinha, outras vezes era a necessidade de trabalhar para ajudar com as despesas da casa. De

modo que ela se ressentia de não ter aprendido a ler e escrever, apesar de ter frequentado a escola.

Liliane, também está no primeiro seguimento da EJA. Os motivos que a fizeram voltar para a escola é vontade de aprender a escrever melhor, pois sabe ler e escrever, mas quer saber usar corretamente a pontuação, principalmente o uso da vírgula. Outro motivo que também a fez voltar ao ciclo escolar foi o fato de querer dar exemplo para a filha, para que esta, como coloca Liliane, ‘termine seus estudos’. Liliane se afastou da escola aos 16 anos de idade quando teve seu primeiro filho, para trabalhar. Segundo ela, havia para si duas opções: ou trabalhava para sustentar seu filho ou estudava. Na escola a qual ela estudou, não foi localizado seu histórico, de maneira que ela, ao chegar na escola onde está cursando a EJA, viu-se obrigada a fazer o curso desde a fase I. Sua dificuldade é com a disciplina de matemática, pois não sabe subtrair bem e tem dificuldade para multiplicar, mas que tem muita vontade de aprender os números romanos por achar bonito. Seu plano é ser delegada de polícia. Ao concluir a EJA, pretende continuar os estudos e até já calculou com quanto tempo ‘termina os estudos’, e fala com orgulho que será aos 45 anos de idade.

Dois fatos são importantes no relato de Liliane, primeiro precisamos observar que foi para garantir o sustento da filha que ela abandonou a escola, e por esta mesma filha, ela está voltando, para mostrar a filha a importância da educação. Na fala de Edilma, recordemos, ela colocou que seus pais não se interessavam por educar a si e por isso não viam a importância da educação para os filhos. A geração da qual elas fazem parte, tem uma outra perspectiva da educação. Ainda que não pensem muitas vezes em termos de conclusão de estudos ao fim da educação básica, isso já constitui um avanço em relação a geração de seus pais. O segundo fato a destacar é a perspectiva de futuro que ela vislumbra: ser delegada; um sonho planejado, que tem inclusive prazo para acontecer.

A professora Ivanise Francisca da Silva<sup>3</sup>, de 48 anos, é responsável pela EJA 1, no turno da noite. Leciona na rede municipal em São Lourenço da Mata há 30 anos, na EJA ela trabalha há mais de 10 anos. De acordo com a professora Ivanise, o material didático para auxiliar na aprendizagem dos alunos não foi distribuído porque não há quantidade suficiente de livros para todas as turmas. Entretanto, esse livro didático ao qual ela se refere não atenderia, segundo ela, as necessidades da turma, pois as atividades e os textos trabalhados no instrumento didático são complexos para sua turma. A professora chega a essa conclusão a partir da sondagem feita na turma no início do ano letivo. Para realizar as atividades, a mesma

---

<sup>3</sup>A docente Possui Licenciatura Plena em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências do Recife, é graduação em Normal Superior pela Universidade Norte do Paraná, tem especialização em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco, e mestrado-profissionalizante em Psicanálise Aplicada a Educação e Saúde pelo União de Instituições para Desenvolvimento Educacional Religioso e Cultural.

utiliza o livro dos projetos “Se Liga” e “Acelera”<sup>4</sup>, mais adequados as necessidades de sua turma em termos de objetivos de alfabetização bem como de conteúdos.

Nos três relatos das alunas bem como na fala da professora, fica claro que a biblioteca não funciona como deveria e que por isso não há atividades fora da sala de aula. Esse aspecto é uma dificuldade em relação ao processo de ensino-aprendizagem na medida em que manter-se no mesmo espaço de aprendizagem, ainda que este seja a sala de aula, restringe os contextos de aprendizagem. Ter a biblioteca seria importante ainda para estimular a leitura por parte dos discentes. Ficar apenas na sala de aula torna muitas vezes as aulas abstratas e descontextualizadas da vida cotidiana.

Como já foi relatado o principal material utilizado pela professora são os livros dos projetos “Se Liga” e “Acelera”. Além destes recursos, ela utiliza outros, como atividades impressas. Mais importante ainda, ela aproveita conteúdos e informações levados pelos alunos, por iniciativa própria deles. Um exemplo que a professora nos descreveu foi a atividade que ela fez em sala de aula a partir de uma pesquisa que um dos alunos realizou. Esse aluno é deficiente auditivo e tem 17 anos. A professora nos contou que ele fez uma pesquisa sobre uma substância encontrada em telhas, o amianto. Ele levou textos impressos para escola para compartilhar como os colegas de turma e na escola como todo. Neste dia, a atividade preparada pela professora não foi desenvolvida, ela utilizou o texto do aluno e trabalhou em sala. Com essa informação percebemos que o processo de inclusão nessa turma é uma prática integrada a vivência dos alunos, a história dos discentes é importante e suas vivências são parte do processo de ensino e aprendizagem. Em outro momento ela também descreve que tanto o aluno com deficiência como os outros alunos, interagem entre si, trocando informações e conhecimento.

## Conclusões

Falta de cultura escolar na família, necessidade de prover um filho, ou a evasão escolar, ano a ano para ajudar em trabalhos domésticos ou trabalhar para ajudar no sustento da família. As falas de nossas entrevistadas refletem os mais sérios problemas que afastam os jovens e crianças da educação formal escolar. Nesse sentido os argumentos que utilizamos para compreender os casos analisados podem servir para entender outros casos específicos. A falta de cultura familiar vem de uma época na qual pobre não estudava, pois ‘não precisava’, o pobre aprendia a mesma lida dos pais e deveria ensinar a seu filho a seguir esse mesmo destino. Esse ciclo começa a ser quebrado, por força das mudanças mais pessoais do que institucionais relacionadas a programas de governo que vissem viabilizar a formação dessas

4 O “Se Liga” visa corrigir o fluxo escolar no Ensino Fundamental e combater o analfabetismo nas primeiras séries, contribuindo para a diminuição da evasão escolar. Já o “Acelera” combate principalmente a repetência, fator de distorção entre a idade e a série que o aluno frequenta.

peessoas. Basta ver a falta de material básico na escola e a falta de um elemento tão importante como uma biblioteca no local de ensino e aprendizagem. A educação na EJA, ao menos nessa unidade escolar, se faz muito mais pelo esforço pessoal de profissionais e pela força de vontade dos discentes que por estrutura e investimento governamental.

É característico de parte da população brasileira a forma de ver a educação formal como uma maneira de preparação para a vida, isto está posto na expressão ‘terminar os estudos’, como nos falou Lidiane, aluna da EJA 1. Nessa forma de significar o mundo social particularmente a relação educação e trabalho, se pensa, e se vive, a vida em fases estanques e separadas na qual primeiro se estuda, ou mais especificamente se vai à escola, busca-se uma formação, para então entrar na outra fase, a do trabalho. As pessoas que estão na EJA, assim como grande parte das pessoas em nossa sociedade, vêm a educação e as fases da vida desta forma. E no caso delas, voltar a estudar marca uma grande vitória sobre a dureza de uma vida que por um motivo ou outro lhe alijou o direito de fazer as coisas, dentro dessa perspectiva, no que seria o ‘tempo certo’. Por isso, a fala das pessoas que estão na EJA motivadas a aprender, quase sempre são palavras que motivam qualquer pessoa a voltar a querer aprender, mesmo com todas as dificuldades que se coloquem. Os alunos da EJA são vitoriosos não exatamente por que conseguiram alcançar um objetivo, e muitos deles alcançam e tantos alcançaram! Mas são vitoriosos e vitoriosas principalmente porque voltaram a ter alegria na busca do conhecimento e por descobrir que o tempo melhor de aprender, como o tempo de tudo nesta vida, é agora.



## Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BARBOSA, A. M. **Ensino da arte: Memória e História**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

DOSSE, François, **A historia**, Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

SOIHET, Rachel História das mulheres. In Cardoso, Ciro Flamarion, Vainfas, Ronaldo (orgs.) **Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia/** - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - história oral**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

TOLRA, Philippe Laburthe; WARNIER, Jean-Pierre. **Etnologia antropologia**. 2. ed. Trad. Anna Hertmann Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1999.